

economia

Acordo Mercosul-UE deve impulsionar economia do RS

Avaliação é de que o Estado pode ganhar protagonismo com o pacto



11º Encontro de Embaixadores na Federasul reforçou o tratado firmado como gerador de oportunidades para o Estado

/ RELAÇÕES COMERCIAIS

Gabrieli Silva

gabrielis@jcrs.com.br

O 11º Encontro de Embaixadores, promovido pela Federasul, ontem, no Salão Nobre do Palácio do Comércio, reuniu representantes diplomáticos da União Europeia e autoridades estaduais para discutir os impactos do acordo entre Mercosul e União Europeia, que passa a vigorar provisoriamente em 1º de maio. O tratado, considerado um dos maiores do mundo, deve reposicionar o Rio Grande do Sul no comércio internacional, com expectativa de ampliar exportações, atrair investimentos e impulsionar a geração de empregos.

A avaliação predominante entre os participantes é de que o Estado, historicamente exportador, tende a ganhar protagonismo com a abertura de mercados e a redução ou eliminação de tarifas sobre a maior parte dos produtos negociados entre os blocos. Na prática, isso significa mais competitividade para produtos gaúchos no mercado europeu.

O embaixador Marcelo Baumbach, chefe do escritório do Itamaraty no Rio Grande do Sul, destacou que os efeitos serão imediatos, com a previsão da tarifa zero para cerca de 95% dos bens exportados à União Europeia. Para ele, o acordo também representa uma inflexão no posicionamento global do Brasil ao reforçar a cooperação internacional em um contexto de tensões geopolíticas. “A resposta não é nos fechar-

mos, a resposta é colaborarmos, é estarmos juntos”, afirmou.

Baumbach também ressaltou que o tratado cria mecanismos para evitar barreiras indiretas ao comércio. “Não poderá mais haver esse tipo de barreira não tarifária como forma de protecionismo”, disse. A expectativa é que o acordo gere mais de 30 mil empregos ao longo de 15 anos e acrescente cerca de 4,6% ao PIB do Estado no período.

A perspectiva de impacto imediato também foi reforçada pelo embaixador da Itália, Alessandro Cortese, que projeta crescimento de aproximadamente 30% nas relações comerciais com o Rio Grande do Sul. Ele destacou a complementaridade entre as economias e o potencial de expansão em setores como agrobusiness, indústria e infraestrutura. “São economias complementares, com grande potencial de crescimento conjunto”, afirmou.

Produtos como carne, café e derivados florestais estão entre os mais beneficiados pela redução tarifária, enquanto segmentos industriais, como a produção de máquinas agrícolas, devem ganhar espaço com a ampliação de parcerias. Cortese também apontou o interesse de empresas europeias em investir no Estado, citando oportunidades em áreas como transportes, energia e saneamento, além de iniciativas já em andamento, como projetos ligados à produção de biocombustíveis, como é o caso da B8 em Passo Fundo.

Ao final, sintetizou o momento nas relações internacionais: “O

Brasil está construindo pontes, não muros”.

Na mesma linha, o ministro conselheiro da Embaixada da Espanha, Juan José Escobar Stemann, avaliou que o acordo tende a ampliar a segurança jurídica, atrair empresas europeias e estimular novos polos industriais. Segundo ele, há potencial para avanços em áreas estratégicas como energia, tecnologia e agrobusiness, com impacto direto na geração de empregos e inovação.

O embaixador da Croácia, Ranko Vilovic, afirmou que o Acordo Mercosul-União Europeia representa um dos maiores tratados comerciais do mundo e deve aprofundar a aproximação entre os blocos. Ele destacou que a forte herança europeia no Rio Grande do Sul funciona como um diferencial nas relações econômicas, facilitando a construção de parcerias e negócios.

“Seremos a maior zona de comércio do mundo, com um mercado de mais de 700 milhões de consumidores”, disse. Vilovic também reforçou o compromisso de longo prazo de seu país com a iniciativa: “O acordo é um compromisso permanente da Croácia”.

O presidente da Federasul, Rodrigo Sousa Costa, classificou o acordo como um marco na inserção internacional do Estado, mas alertou para desafios estruturais.

“Precisamos buscar competitividade por meio da troca de experiências e integração”, disse, ao mencionar gargalos históricos, especialmente na infraestrutura logística.



Visão
de mercado

João Satt

Estrategista e CEO do G5
joaosatt@gcinco.cc

Insights desestruturam a competição

Insights não são apenas ideias soltas. Representam muito mais do que revelações inesperadas: são pontos de virada. Instantes em que algo, até então invisível, emerge com uma clareza desconcertante. Não nascem do esforço bruto, mas de um encaixe súbito, um “clique” que reorganiza o caos e dá sentido ao que até então estava disperso.

Na vida, assim como no esporte, nos negócios e até mesmo na política, essa capacidade de ver antes, de perceber o que ainda não foi nomeado, oportuniza evoluções inimagináveis. Lógica e intuição, estratégia, sensibilidade e criatividade.

Tenho me dedicado, ao longo dos últimos anos, a estudar sobre um tipo de insight mais raro, mais profundo e muito menos celebrado: aquele que não nasce da lógica, e sim da consciência de quem somos. O que significamos para nós e para o mundo que nos cerca.

O budismo nos provoca com uma ideia contraintuitiva: nem toda resposta exige reação imediata. Há força no não reagir. Há inteligência na pausa.

Nesse intervalo, entre o estímulo e a resposta, que surge uma outra forma de clareza. Em um mundo que premia velocidade, parar parece fraqueza. Mas não é. É domínio.

Nos debates tensos e agressivos da política, vence quem não se desorganiza por dentro. Quem não se deixa capturar pela emoção do outro. Amortecer o impacto, sustentar o equilíbrio e devolver suavemente desconcerta, enfim, uma forma sofisticada de estratégia.

No Zen, fala-se da segunda flecha: a primeira é o fato; a segunda, a reação que amplifica a dor. O verdadeiro insight está em interromper esse ciclo. Em não disparar a segunda flecha. Em perceber que, muitas vezes, reagir violentamente é uma forma de perder.

É profundamente estratégico permitir que a agressividade do outro retorne à sua origem. Como uma flecha de fogo que, sem alvo, volta contra o próprio arqueiro. Insights são raros porque exigem mais do que inteligência. Exigem consciência.

São como pérolas: você precisa mergulhar na sua própria profundidade para descobri-las. A coragem está em conviver com nosso medo interior e persistir com disciplina estoica.

Há uma força silenciosa e decisiva em não reagir com tempestividade.

Nesse “não agir imediato” nasce o discernimento. O vazio de tempo da “não resposta” é repleto de energia. Dele surgem os insights que realmente mudam o jogo.

Isso vale para os palcos das relações do cotidiano da vida, quanto para as profissionais, esportivas e, principalmente, dos debates políticos.

A qualidade de um insight depende diretamente de três fatores: acumulação de informação; capacidade de concentração e uma visão ampliada do contexto. Essas são as armas para desestruturar qualquer disputa.

Na vida, assim como no esporte, nos negócios e até mesmo na política, essa capacidade de ver antes, de perceber o que ainda não foi nomeado, oportuniza evoluções inimagináveis